ECOLOGIA, UMA QUESTÃO DE FÉ

por Pilato Pereira

Introdução

A fé no Deus criador e na criação de Deus deveria, ao natural, nos levar ao engajamento concreto e prático em defesa da vida. Deveríamos ser ecológicos como é o Deus da nossa fé, o criador e defensor da vida. Hoje não há dúvida que a ecologia deve estar presente nas religiões, pautando as reflexões da teologia e fazendo parte da agenda pastoral das igrejas – de todas as igrejas. Muitos ecologistas dizem, com toda razão, que a Igreja Católica – e o cristianismo como um todo – ao longo da história não contribuiu para que a humanidade tivesse uma postura de cuidado e preservação da natureza. O discurso e a prática ecológica são muito recentes, mas por causa da fé poderíamos nos sentir mais desafiados a cuidar e preservar a vida antes de se ouvir falar em crise ecológica. Mas, além de não assumir o sentido da fé no Deus criador, também cometemos o pecado de más interpretações dos textos bíblicos.

Como nos lembra irmão marista, Antônio Cechin, a questão ecológica na Igreja "surge a partir dos pobres. O mesmo sistema que exclui os pobres é o que destrói a natureza. As pessoas excluídas e os restos da natureza se encontram na opção pelos pobres" (Chequim, 17 de março de 2004). A teologia da libertação e a ecologia têm algo em comum porque "partem de duas chagas que sangram. A primeira, a chaga da pobreza e da miséria, [...]. A segunda, a agressão sistemática à Terra" (BOFF, 2004, p. 147). A teologia serve e cuida da pastoral que acontece como testemunho da fé no Deus criador. Por isso, cada pastoral deve ser pensada e organizada com a integração de seu específico com o ecológico. No campo da ecologia, a Igreja tem um papel singular, que é promover "um cuidado religioso do meio ambiente, um 'profetismo ecológico' na formação das consciências e da sensibilidade, uma cultura ecológica ligada à fé e a mística". (SUSIN, 2001, p. 13).

1. Ecologia: a palavra se fez ação

Nos dias de hoje a palavra "ecologia" é bastante conhecida e está bem presente em nossas vidas. Mas a primeira vez que se usou o termo "ecologia" foi em 1866, pelo biólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1910) em sua obra *"Generalle Morphologie der Organismen"*. A palavra ecologia é formada pela junção de duas palavras gregas: oikos que quer dizer casa, e logos que tem o significado de reflexão, discurso, estudo (DAJOZ, 1979, p. 13-14). Enquanto ciência, a ecologia "estuda todas as interações entre os seres vivos, incluindo os seres humanos, e seu ambiente" (CALLENBACH, 2001, p. 58). Pois, "na natureza todos os seres vivos estão ligados uns aos outros por uma complexa rede de interações" (DAJOZ, 1979, p. 273). A ecologia não pode ser considerada simplesmente um ramo da biologia, como era no início, algo de interesse específico da ciência. Para Leonardo Boff a ecologia é "a ciência e a arte das relações e dos seres relacionados. Ecologia, para nós, hoje, significa um interesse global, uma questão de vida e morte da humanidade e de todo o sistema planetário." (BOFF, 1993. p. 19).

O século XX foi marcado por uma relação de domínio do ser humano sobre a Terra. Anteriormente as sociedades também exploraram as riquezas naturais, mas nesse período os países ricos e as grandes indústrias tiveram uma atitude de domínio e ambição nunca vistos e com resultados assustadores. Mas, por outro lado, a preocupação com as questões relacionadas à ecologia vem ocupando espaços em quase todos os âmbitos da sociedade. A ONU foi criada em 1945, para cuidar da segurança mundial através dos direitos humanos, da paz e do desenvolvimento socioeconômico. E somente em 1972, com o Clube de Roma, é que se trata mundialmente sobre a situação da Terra. E o balanço feito naquele encontro denunciou uma crise de sistema global do planeta. O interesse pela ecologia, o

compromisso com a preservação do meio ambiente e a sustentabilidade é, portanto, algo bem recente.

A ecologia foi nascendo e se desenvolvendo no momento em que vão se rompendo as barreiras rígidas existentes entre as ciências. O ecologista, para realizar o seu trabalho, deve ter abertura para outras disciplinas. E a ecologia vem se desenvolvendo mais neste momento em que se valoriza a interdisciplinaridade. E hoje a ecologia não tem apenas a dimensão de uma ciência. Ecologia é uma questão política e também de fé, não interessa apenas aos cientistas, mas a todas as pessoas que respeitam e se preocupam com a vida. (DAJOZ, 1979, p. 21-23).

A luta ecológica, nos últimos anos, pode ser distinguida nas suas várias tendências, ou distintos caminhos que vem sendo percorridos pelos mais diferentes grupos. Destacamos alguns: ecologia ambiental, ecologia social, ecologia mental, ecofeminismo, ecologia integral, eco-tecnologia, eco-política, ética ecológica, mística cósmica, ecologia urbana (MINC, 1985, p. 96-100). É preciso ter presente as várias tendências ou, de acordo com cada realidade, escolher o melhor caminho a seguir. E para isso é preciso ler os sinais escritos "nos muros" e os sinais dos tempos.

Vivemos numa época de mudanças no tempo e num tempo de mudanças de épocas. Precisamos mudar nossos paradigmas para preservar a vida. Mas só é possível melhorar a vida, se melhorar para todos os habitantes do planeta. Nos descobrimos uma família, a comunidade planetária.

2. Terra: um organismo vivo, com a vida ameaçada

A Terra é a nossa casa comum, é o único lugar que temos para habitar. Mas ela não é somente nossa. É o espaço de muitos povos de hoje e do futuro e de uma infinidade de outras formas de vida. O planeta Terra é um satélite do Sol que surgiu há 4,45 bilhões de anos. Distante do Sol a cerca de 150 bilhões de quilômetros, nosso planeta é alimentado pela energia solar. Essa energia chega na forma de radiações eletromagnéticas equivalente a 1,95 caloria/cm², a cada minuto. A sua posição com relação ao sol lhe dá uma temperatura favorável para a existência de vida do planeta (BOFF, 2004, p. 73).

Hoje compreendemos a Terra como um grande organismo vivo e por isso a chamamos de "GAIA", que é o nome de uma deusa da mitologia grega – a Mãe primordial. Em Gaia a vida não está apenas na sua biosfera, é um todo, um conjunto de vitalidade. É um macroorganismo vivo, um sistema cibernético capaz de buscar os meios para manter a vida. "O sistema Gaia revela-se extremamente complexo e de profunda clarividência." Esse sistema possui uma inteligência ordenada, ordenadora muito superior a nossa. Tal inteligência consegue calibrar todos os fatores, ordenar todos os organismos que compõe o grande organismo Gaia (BOFF, 2004, p. 32-35).

No planeta Terra, o crescimento e o metabolismo da vida produzem e regulam o ar respirável, a temperatura agradável da Terra e as águas não-ácidas. Enfim, tudo está conectado e trabalhando em favor de todas as formas de vida. A composição da atmosfera do planeta é formada especialmente por nitrogênio e oxigênio. E geralmente esses gases reagem um com o outro de forma explosiva. Mas na Terra isso não ocorre porque tudo é regulado pela vida. "O equilíbrio entre nitrogênio, enxofre e carbono na atmosfera do planeta é regulado pela vida. A vida e a Terra física, até mesmo a sua atmosfera, evoluíram conjuntamente uma com a outra". Gaia é uma interligação de muitos trilhões de microorganismos e outros organismos vivos. Ela é um grande organismo vivo, regulado pela vida, onde todos os organismos reagem e interagem perante as reações dos demais organismos e tudo concorre para o favorecimento da vida, para possibilitar a existência de vida. Gaia não é nenhum deus ou ser supremo ou uma entidade consciente que quer preservar seus habitantes. Ela é um complexo sistema de vida que quer manter-se vivo. "A vida global preserva por si mesma as condições ambientais adequadas mediante alterações

do crescimento das diversas populações de organismos." (CALLENBACH, 2001, p. 109-111).

A larga biografia da Terra é marcada por transtornos, crises e assaltos provocados por fenômenos da própria natureza. E com a presença da espécie humana no planeta, foram aumentando os ataques e a sua destruição. É o mesmo sistema da sociedade humana que oprime os pobres e que devasta as florestas, polui as águas e extingue um número assustador de espécies de vida. (BOFF, 2004, p. 14-15). Entre os problemas ambientais em escala global, os mais comentados hoje em dia são: o reaquecimento da atmosfera, a redução da camada de ozônio, o desaparecimento de espécies e o crescimento da população humana altamente consumista (KERBER, 2006, p. 45-46).

O problema do reaquecimento da atmosfera, também conhecido como "efeito estufa" é causado principalmente pela emissão de gases para a atmosfera. Para o equilíbrio da temperatura do planeta é necessário a existência de uma quantidade de gases de efeito estufa, porque sem eles a temperatura da Terra baixaria para 18º negativos. São esses gases que mantém o planeta numa temperatura vital. Mas, a exagerada quantidade de gases estufa produzidos pelo ser humano está aumentando a temperatura média da Terra (GORE, 2006, p. 28). E esse fenômeno pode causar problemas de altas temperaturas no verão e a ocorrência de secas e, além disso, aumenta o derretimento dos gelos nas calotas polares e o nível das águas dos oceanos. Também a redução da camada de ozônio é algo muito problemático para a vida do planeta, pois o ozônio constitui um filtro que protege a superfície da Terra da radiação ultravioleta (KERBER, 2006, p. 46-47).

Impactos ambientais sempre ocorreram, mas agora acontece algo bem mais grave. O ser humano alterou muito, causou enormes e perversas mudanças que afetam todo o organismo da Terra. Chegamos ao ponto de que a nossa civilização, de forma inédita, está diante do perigo de romper com o futuro da vida. Estamos cortando o cordão umbilical da vida que está em contínua gestação. Por isso, entrou em nosso vocabulário o termo *crise ecológica* (KERBER, 2006, p. 51-53). E essa realidade de crise, que afeta a vida de toda a humanidade, nos chama a atenção para outra crise, que é a crise do paradigma civilizacional. O atual modelo de sociedade é que está vencido. Sentimos que precisamos mudar nossa forma de nos relacionarmos com a natureza, com os outros seres humanos e com Deus (BOFF, 2004, p. 23-25).

Diante da crise temos de pensar num outro caminho possível, mudar de rota, fazer correções profundas e transformações culturais, sociais, espirituais e religiosas. É preciso apostar num novo paradigma, que para ser novo e universalmente aceito, não pode ser hegemônico, mas diverso (BOFF, 2004, p. 23-25). Precisamos pensar, propor e trabalhar por um modo de vida com sustentabilidade, onde a melhora da qualidade de vida seja para todos os seres vivos do nosso tempo e para as futuras gerações. Um modo de vida solidário, de comprometimento com a ética, a justiça, os direitos humanos e a paz. Um desenvolvimento que seja sustentável, que parte de uma consciência ecológica, de uma ética do cuidado e que reconheça e respeite as mais diversas formas de vida (CPT, 2006, p. 21).

Talvez tenhamos que repensar nossos conceitos de desenvolvimento, parar de pensar tanto no crescimento econômico e buscar a sustentabilidade. Esta é a palavra apropriada para respondermos o nosso dever histórico e a nossa vocação específica como seres humanos responsáveis para promover a convivência harmônica e feliz entre todas as formas de vida no planeta. É hora de pensar e agir, enfrentar os desafios que se impõe no nosso tempo. Está na hora de fazer opções de mudanças para garantir a vida, como propusera José Lutzenberger: "Ou mudamos nossa filosofia de vida ou de fato extinguiremos toda a vida do planeta" (LUTZENBERGER, 1992, p. 128-136).

Diante do desafio da mudança podemos e devemos buscar uma luz que vem da palavra de Deus. Ao abordar as questões específicas da ecologia e a crise que paira sobre a

biosfera onde coabitamos, também nos propomos a fazer uma breve reflexão bíblica. E a Bíblia revela o Deus ecológico, que ouve o clamor da vida escravizada e a liberta de toda a opressão. O Deus ecológico está compadecido, solidário com a vida e grita em seu favor. Convida-nos a assumirmos nossa vocação de jardineiros e cuidar do nosso planeta, o belo jardim onde Ele nos colocou para conviver pacifica e harmonicamente com todas as formas de vida.

3. Deus ecológico: criador e defensor da vida

O texto bíblico que, de modo especial, trata da criação, o Livro do Gênesis, não é um livro científico, mas um texto poético que confirma o universo como criação de Deus, que trata do sentido do ser e da existência, quer explicar o segredo último das coisas (BERZOSA, 1956, p. 59). A criação de Deus não surge a partir de um silêncio. Mas do próprio caos, de "grandes águas e terra informe e vazia, de onde, em seguida, se formariam gradativamente todas as criaturas" (SUSIN, 2003, p. 51). O caos, do qual Deus criou é caos criativo, no qual o Espírito está presente antes ainda de ser transformado no "cosmo".

Deus cria com o poder da Palavra, que "é expressão de uma vontade e de uma liberdade" (SUSIN, 2003, p. 52). A criação não foi uma necessidade de Deus, ela é fruto de sua vontade, de sua livre decisão. Deus quis e livremente decidiu criar dirigindo sua palavra criadora (Cf. Gn 1, 3). A criação é obra da "palavra" de Deus. E como a palavra é comunicação, relação, então "a criação ganha a possibilidade de estar numa relação comunicativa com o seu criador" (SUSIN, 2003, p. 52). E a criatura, ao criar relação com o Criador, é co-criadora. Deus cria por sabedoria e amor. Deus cria dando liberdade, como a mãe que dá um espaço e tempo seus e envolve todo o seu corpo para que outro tenha um espaço (SUSIN, 2003, p. 55).

Para o cristianismo a Trindade sempre age em unidade e a ação especifica de cada Pessoa Divina afirma a presença da Trindade que cria, conduz a história e salva. Em todas as ações salvíficas da Trindade, como na criação, são as três Pessoas Divinas que agem conjuntamente. A pessoa de Jesus Cristo, o Filho é a medida de todas as coisas criadas por Deus. O Espírito é o respiro da criação, é quem constantemente sustenta a criação, dando-lhe a vitalidade e faz a comunhão entre as criaturas e delas com o Criador. O Espírito santificador faz com que a criação entre na vida de Deus, santificando as criaturas (SUSIN, 2003, p. 337-40). Deus é aliança, é a união das três Pessoas Divinas, é a comunhão da pluralidade, e assim fez a criação, que na semelhança de seu criador é capaz de viver a unidade na diversidade, a "unimultiplicidade".

Deus criou durante seis dias e no sétimo dia Ele fez a parte mais importante da criação: no sábado Deus abençoou e santificou a criação, que passa a ser reconhecida como criação de Deus. "No sábado a criação chega a sua plenitude" (MOLTMANN, 1993, p. 23-24). Aí Deus consumou sua obra. Ao criar, Deus sai de si e no sábado Ele retorna a si, mas este retorno não o separa da criação. O descanso de Deus é o repouso das criaturas em Deus. E a criação existe na presença de Deus (JUNGES, 2001, p. 51-54). O valor do sábado não está em sua inatividade e ociosidade, mas em ser "espaço para a relação gozosa e festiva entre o Criador e a criatura" (PEÑA, 1989, p. 36). O povo de Israel costuma festejar o sábado, mas não simplesmente como o sábado que se repete a cada semana e interrompe o tempo de trabalho, mas o sábado como o que "aponta para além de si, para o ano sabático, no qual deveriam ser restabelecidas as relações originais entre as pessoas e entre a pessoa humana e a natureza" (MOLTMANN, 1993, p. 24).

Não pode haver dicotomia entre história e criação, pois "a história é a própria criação em andamento, é um processo criacional" (SUSIN, 2003, p. 33). Deus continua a criar na história e tendo como pressuposto o criar inicial. Deus continua como que preservando a criação daquilo que pode destruí-la (MOLTMANN, 1993, p. 301). Para o povo de Israel, a experiência do êxodo ajuda a compreender a criação e se torna o eixo central da criação. O

pano de fundo, onde se firma a fé no Deus criador é a experiência histórica de libertação, a fé no Deus que liberta das mãos do faraó e conduz o povo para a terra prometida, onde há harmonia entre as criaturas e com o Criador. E, tanto na criação como no êxodo, as criaturas são companheiras de Deus (SUSIN, 2003, p. 33-34). O Deus que a Bíblia nos revela é, portanto, o Deus ecológico, o único e verdadeiro Deus, o criador e defensor da vida.

Para superar a prepotência da espécie humana e procurar compreender o seu lugar e a sua missão no mundo, é importante permitir-nos a experiência do maravilhamento e da reverência que a obra criacional de Deus nos faz sentir (BROCKELMAN, 2001, p. 91). É mais original para a espécie humana maravilhar-se diante das criaturas de Deus do que querer dominá-las. Pois, quando o ser humano veio ao mundo, todas as outras criaturas já haviam sido criadas (cf. Gn 1,27-31). E, por ter sido criado no sexto dia, na véspera do sábado, o ser humano tem a missão de "conduzir a criação ao sábado" (SUSIN, 2003, p. 95). O ser humano tem a missão de sacralizar as criaturas, reconhece-las como sagradas. A bíblia apresenta em dois relatos a criação do ser humano: Gênesis 1,26-31 e 2,4b-25. O primeiro relato usa o verbo "dominar" (MOLTMANN, 1993, p. 17-18), que está mais no sentido de "saber, ter conhecimento sobre..." E também tem o sentido de ser pastor, que sabe conduzir o rebanho em caminhos seguros. E o segundo relato utiliza os verbos "cultivar e guardar" e, portanto, ajuda na melhor interpretação do primeiro. O segundo relato dá a idéia de que o ser humano tem uma missão como a do jardineiro que não é o dono, mas cuida, cultiva, guarda e protege o jardim que é de Deus (MOLTMANN, 1993, p. 55).

4. Ecológicos, como Deus é ecológico

O Deus da nossa fé é o criador da vida e sua atividade criacional não se deu num único momento, como se pudesse pontualisar na linha do tempo. Tendo como pressuposto o criar inicial, Deus continua a criar na história. Deus continua como que preservando a criação daquilo que pode destruí-la (MOLTMANN, 1993, p. 301). A criação não está por definitivo pronta para que a história aconteça sobre ela, como se fosse uma cena em cima de um palco. Para o povo de Israel, a experiência do êxodo ajuda a compreender a criação e se torna o eixo central da criação. O pano de fundo, onde se firma a fé no Deus criador é a experiência histórica de libertação, a fé no Deus que liberta das mãos do faraó e conduz o povo para a terra prometida, onde há harmonia entre as criaturas e com o Criador.

Da mesma forma que Deus criador dá forma de vida ao caos, Ele também supera a realidade de opressão em que vivia o povo de Israel e promove sua libertação. Do caos, Deus faz a vida nascer e se multiplicar, e da opressão, Ele faz o povo ressurgir para a liberdade, tornando-se um povo numeroso e livre. Tanto na criação como no êxodo, as criaturas são companheiras de Deus (SUSIN, 2003, p. 33-34). Portanto, a atividade criacional de Deus prossegue, não como um criador solitário, mas um criador que está em dialogação com suas criaturas que também são co-criadoras.

Nosso Deus é ecológico, é o criador e protetor da vida. E em seu projeto de preservação da vida, Ele conta conosco. Como já mencionamos, a criação do ser humano é apresentada na Bíblia por dois relatos: Gênesis 1,26-31 e Gênesis 2,4b-25. O primeiro relato usa o verbo "dominar", que sofreu uma má interpretação, fazendo com que a humanidade agisse num espírito de domínio, depredando o ambiente vital (MOLTMANN, 1993, p. 17-18). Já o segundo relato (Gn 2,4b-25) utiliza os verbos "cultivar e guardar" e nos ajuda a entender que o ser humano tem a missão do jardineiro que cuida. Um jardineiro não é dono do jardim, ele apenas cultiva, cuida e procura torna-lo cada vez mais belo, mantendo a sua diversidade e originalidade. O jardineiro convive com tudo o que há no jardim e, ás vezes, colhe uma flor, um fruto, mas nunca devasta. Sua missão é sempre cuidar. Portanto, a fé no Deus criador, não apenas permite ao ser humano se beneficiar da

natureza, mas incide no compromisso de cuidá-la com responsabilidade. Pode retirar seu alimento de forma sustentável, garantindo a vida do planeta e das gerações futuras.

Por causa da fé no Deus criador, deveríamos ter um engajamento concreto e prático na defesa e preservação da vida. O engajamento da Igreja com a questão ecológica é bem recente, mas na sua história existem algumas marcas positivas, alguns testemunhos de vida em defesa do meio ambiente, como é o caso de São Francisco de Assis. Para Francisco as criaturas não tinham apenas um valor utilitário, mas um valor simbólico e sacramental, que lhes é inerente. Ele tinha uma atitude religiosa diante da natureza, porque em tudo via a presença da Trindade Criadora. Por serem filhas de Deus, Francisco chama as criaturas de irmãs (ENGLEBERT, 2004, p. 152-153). Para São Francisco de Assis, a Terra é mais que mãe, é também imã. Vê a Terra como a mãe que sustenta e que nutre o filho, mas também como irmã que requer cuidado, atenção e carinho (LECRERC, 1999, p. 145-147). Esse é o papel da Igreja, promover "um cuidado religioso do meio ambiente, um 'profetismo ecológico' na formação das consciências e da sensibilidade, uma cultura ecológica ligada à fé e a mística", como colocamos acima. E isso deve acontecer de forma ecumênica. O interesse pela ecologia é de todos os seres humanos e está relacionado com o ecumenismo, com a ética. Hoje o conceito de ecologia é 'holístico', e interessa à sobrevivência de todas as criaturas. Seria, portanto, muito estranho que, numa questão de interesse de todos, estivessem ausentes as religiões e a teologia (SUSIN, 2001, p. 13).

Com a Campanha da Fraternidade de 2004 a Igreja nos aproximou do tema da ecologia, mexendo com uma parte que é talvez a mais significativa da criação, a água. E em 2007, a Campanha trouxe outro tema ecológico, motivando as comunidades e a sociedade a conhecer melhor e se engajar na luta em defesa do bioma Amazônia. E nos desafia a olhar e agir na solução dos problemas locais, de cada bioma, para juntos ajudarmos a preservar a vida. Com isso a Igreja pode estar dando um significativo passo para uma sólida e eficaz inserção na luta em defesa do meio ambiente. E a Campanha da Fraternidade 2011 novamente aborda a temática da ecologia. E o importante é que agora se trata de uma abordagem mais específica sobre as questões ambientais.

A ecologia por ser a ciência e a arte das relações e dos seres relacionados, deve estar presente em todas as áreas da vida humana. A ecologia é uma causa universal que se relaciona com outras causas da humanidade, como os direitos humanos, a justiça social e a paz. A ecologia nos convida a ampliar os horizontes, pensar e ver globalmente, mas agir de forma localizada e no cotidiano. Não somos nós que vamos salvar o planeta, mas podemos viver de tal modo a estar colaborando com a vida. A Terra sabe se regenerar e precisamos dar a nossa contribuição para que isso aconteça. Qualquer pequena ação localizada em favor da vida tem grande ressonância no complexo macroorganismo vivo que é nosso planeta Terra. Todo o bem que fizermos, por menor que seja, será grande e indispensável na regeneração da vida.

Ecologia é também uma questão de fé. Não faz sentido celebrar a fé, louvar ao Deus criador e destruir a natureza ou permitir e ser cúmplice da destruição. Como fica a nossa fé, se compactuamos com as práticas de degradação humana e ambiental que hoje acontecem em várias partes do mundo? E como a Igreja pode falar de ecologia, ter um discurso ecológico sem ter uma organização pastoral que contemple o tema da ecologia? Ao lado do ensino social, a Igreja criou a ação social, formou e mobilizou os fiéis a lutarem pela dignidade humana. Por isso, o discurso da Teologia da Libertação sempre esteve alicerçado na prática libertadora das comunidades. Da mesma forma deve ocorrer com a ecologia. A Igreja, além de organizar uma pastoral específica de ecologia, também precisa trabalhar a questão ecológica como um tema transversal. A ecologia deve permear todo o ambiente pastoral, deve ser um interesse comum dentro da Igreja.

A greve de fome do bispo de Barra, Frei Luiz Cappio despertou uma grande mobilização entre ONG's, pastorais e movimentos sociais e ambientais para a questão da

transposição do Rio São Francisco. Aparentemente isto seria um problema para os ambientalistas, mas tornou-se uma causa dos militantes sociais e agentes de pastorais sociais. Isso mostra que a causa ambiental está relacionada com as questões sociais. O agronegócio responsável pela concentração de terra e o hidronegócio que expulsa os povos ribeirinhos para saciar sua sede de lucro, também são causadores de desequilíbrios ambientais.

É sabido que o modelo agrícola que polui a terra, o ar e as águas, é o mesmo que expulsa o camponês do campo e gera a fome e miséria. O modelo industrial explorador da mão de obra, também degrada o meio ambiente. As grandes indústrias, em geral, além de espoliar o trabalho humano, também exploram indevidamente os recursos da natureza. O modelo de consumo nas grandes cidades que gera milhões e milhões de toneladas de lixo, não promove a vida e a dignidade de quem se sente obrigado a viver com os restos. E os monocultivos de arvores exóticas, como por exemplo, os eucaliptos, para a indústria de celulose, não só deixam de gerar empregos, como também afastam os empregos que a agricultura camponesa estaria gerando em seu lugar. Além deste caos social, também geram a degradação do meio ambiente. Não podemos, portanto, querer a justiça e a paz sem nos empenharmos na luta ambiental. Também é vazia a atividade ecológica que não inclui o ser humano, que não pensa nos pobres, seja do campo ou da cidade.

Neste estudo, vimos que a Ecologia é a arte das relações, é a ciência do cuidado que transcende o científico e não pára nos laboratórios de pesquisa, mas invade corações e mentes que se despertam para o cuido e a preservação de todas as formas de vida. Ecologia é a palavra que se faz ação, que nos leva a agir em defesa da vida. Também notamos que a Terra é um macroorganismo vivo, que quer viver, mas sente o peso da destruição, do domínio e da ambição do ser humano, causador de muitos males para a sua própria espécie e a todos os coabitantes do planeta. A crise ecológica, portanto, é algo real e bem perto de nossos olhos e somos responsáveis por ela. E esta crise deve ser enfrentada com todas as forças possíveis e com uma espiritualidade ecológica. Porque a vida requer um cuidado espiritual. Precisamos nos deixar mover pela fé no Deus criador e defensor da vida. E isto significa que nossa prática religiosa e pastoral deve se dar também no campo da ecologia. A ecologia merece ser tratada numa pastoral específica, mas todas as pastorais e projetos eclesiais devem ter presente a questão ecológica.

O mesmo que a Pastoral da Ecologia propõe para as comunidades cristãs, também pode ser levado para a Escola, que tem a mais nobre missão na sociedade, que é formar seres humanos e cidadãos. E se as escolas públicas e de outras instituições levam a sério a questão ecológica, muito mais as escolas confessionais católicas e cristãs devem ter presente sua missão de promover o cuidado da vida. Por isso, a Campanha da Fraternidade tem muito a nos ajudar e nos despertar para o nosso compromisso cristão. Ser cristão é defender a vida e, sobre tudo, sem banalizar seu mistério e sua sacralidade.

Referencias Bibliografias

BERZOSA, Raúl. Como era en el principio. Temas clave de antropología teológica. Madrid: San Pablo, 1996.

BÍBLIA SAGRADA. A Bíblia de Jerusalém. Comentários de rodapé (Gn 1,3). São Paulo: Paulus, 1994.

BOFF, Leonardo. Ecologia – Mundialização – Espiritualidade. São Paulo: Ática, 1993.

_____, Ecologia. Grito da Terra, Grito dos Pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BROCKELMAN, Paul. Cosmologia e Criação. A importância espiritual da cosmologia contemporânea. São Paulo: Loyola, 2001.

CALLENBACH, Ernest. Ecologia: um guia de bolso. São Paulo: Peirópolis, 2001.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA (CPT). Conhecendo e resgatando sementes crioulas. Porto Alegre: Evangraf, 2006.

CNBB. Fraternidade e a vida no planeta. Texto-base da Campanha da Fraternidade 2011.

DAJOZ, Roger. Ecologia Geral. Petrópolis: Vozes, 1979.

Depoimento de Irmão Antônio Chequim (17 de março de 2004, Porto Alegre). Em: Ecologia numa perspectiva Pastoral. Monografia de conclusão do curso de Teologia / ESTEF de Pilato Pereira, 2004.

ENGLEBERT, Omer. Vida de São Francisco de Assis. (tradução: Adelino G. Pilonetto). Porto Alegre: EST, 2004.

GORE, Albert. Uma verdade inconveniente – o que devemos saber (e fazer) sobre o aquecimento global; [tradução Isa Mara Lando]. Barueri, SP: Manole, 2006.

JUNGES, José Roque. Ecologia e Criação. São Paulo: Loyola, 2001. p. 51-54.

KERBER, Guillermo. O Ecológico e a Teologia Latino-Americana: articulação e desafios. Porto Alegre: Sulinas, 2006.

LECRERC. Eloi. O Cântico das Criaturas ou Os Símbolos da União (tradução de J.B. Michelotto). Petrópolis: Vozes, 1999.

LUTZENBERGER, José Antônio. O modelo liberal consumista perante o desafio ecológico. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, vol. 52, Fasc. 205, pp. 128-136, março de 1992.

MINC, Carlos. Como Fazer Movimento Ecológico e Defender a Natureza e as Liberdades. Petrópolis: Vozes, 1985.

MOLTMANN, J. Deus da Criação, Doutrina e Ecologia da Criação. Petrópolis: Vozes, 1993.

PEÑA, Juan L. Ruiz de la. Teologia da Criação. São Paulo: Loyola, 1989.

SUSIN, Luiz Carlos. A Criação de Deus: Deus e Criação. São Paulo: Paulinas; Valencia, ESP: Siquem, 2003. - (Coleção Livros básicos de teologia; 5).

_____, Ecologia – Um Conceito para a Pastoral. Em: Cadernos da ESTEF, 27. Porto Alegre: ESTEF, 2001.

Pilato Pereira é Assessor Parlamentar em Canoas/RS, Coordenador da Pastoral da Ecologia CNBB Sul III. Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana - ESTEF, de Porto Alegre; Licenciado em Filosofia pelo UNILASALLE, de Canoas/RS; Pós-graduado em Abordagem Transdisciplinar entre Ecologia, Educação e Teologia pelo Instituto Teológico Franciscano - ITF, de Petrópolis/RJ; Mestrando em Teologia Sistemática pela PUCRS. Autor do livro *O Irmão dos Pobres: Antônio Cechin, uma biografia*. Porto Alegre: ESTEF, 2009.
http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4421140P0
E-mail: pilatopereira@gmail.com - Blog: www.olharecologico.blogspot.com

Porto Alegre, 19 de novembro 2010